

Uso da homeopatia cresce na Europa, revela Dr. Peter Fisher

De 20 a 22 de maio, aconteceu na Universidade Federal de São Paulo a oitava edição do Simpósio Nacional de Pesquisas Institucionais em Homeopatia, o Sinapih. Um dos convidados estrangeiros foi o médico inglês Peter Fisher, que participou das mesas-redondas “Qualidade metodológica em estudos clínicos descritivos e analíticos em homeopatia” e “Aspectos metodológicos críticos em experimentações patogenéticas”.

Médico da rainha Elizabeth II e editor da revista Homeopathy (conhecida antes como British Homeopathic Journal) nesta entrevista o dr. Fisher comenta o uso da homeopatia na Europa, as pesquisas patogenéticas e a relação entre ciência e televisão – uma vez que foi a BBC de Londres uma das responsáveis pelo polêmico programa exibido no Brasil pelo Fantástico, da Rede Globo, em maio deste ano. Participaram da entrevista o editor da revista Cultura Homeopática, dr. Paulo Rosenbaum, e a farmacêutica Amarilys de Toledo César, do conselho editorial, identificados pelas siglas de seus nomes.

PR – Gostaríamos que o sr. nos falasse sobre os rumos da homeopatia na Europa e sobre as pesquisas em que o sr. está envolvido.

PF – A homeopatia vem crescendo de forma sustentada na Europa, de acordo com a European Commission. Uma pesquisa revelou que 21% da população da União Européia usa a homeopatia como tratamento, enquanto 29% conhecem ou ouviram falar do assunto. O uso chega a 40% na Alemanha e a 20% no Reino Unido, onde vem crescendo rapidamente, na base de 12% a 13% ao ano. É lógico que a União Européia também está crescendo e, como sempre, ainda existe muita controvérsia científica, mas acredito que no último ano vimos muitos desenvolvimentos importantes na base científica da homeopatia. Um deles é o experimento do Prof. Louis Rey, de Lausanne, na Suíça, que investiga as bases físicas das diluições homeopáticas. O estudo mostra que altas diluições têm características termoluminescentes semelhantes a soluções concentradas dos mesmos elementos – mais fracas mas parecidas, e diferentes de água. Então esta é uma pesquisa muito importante. Outra é o trabalho sobre degranulação de basófilos publicada muito recentemente, em maio deste ano. É uma pesquisa sobre inflamação. Esse trabalho trata de inibição da ativação de basófilos induzidos por altas diluições de histamina. Foi realizado por uma equipe transnacional de pesquisadores, incluindo pessoas da França, Holanda, Reino Unido, Itália e Bélgica, que usam múltiplos métodos para comprovar que altas diluições inibem a ativação de basófilos por anti-IgE.

PR – Qual a principal contribuição da homeopatia para o crescimento do apelo às pessoas de tratar o ser integral? Esse desejo aparece nas pessoas em nossas pesquisas.

PF – A homeopatia é popular entre as pessoas, mesmo diante da hostilidade do *establishment* científico. Os pacientes gostam e as razões disso são: 1. é eficaz, 2. é seguro e 3. é a filosofia do holismo, de tratar a pessoa e não a doença. São os três fatores cruciais que tornam essa prática favorita das pessoas.

PR – O sr. quer dizer tratar a pessoa e a doença, ou melhor, a relação entre a doença e a pessoa, não é isso?

PF – Há muitas maneiras diferentes de tratar a doença, e é possível fazer os dois, mas com certeza sempre se deve levar em conta a pessoa e não só a doença.

PR – Digo isso porque há uma controvérsia científica por aqui e um dos argumentos mais usados é de que o remédio não é a principal ferramenta terapêutica da homeopatia. Fatores tais como a própria evolução natural da doença e a transferência, uma vez que fazemos uma consulta bastante profunda, além do fato de não apresentar os temíveis efeitos colaterais dos fármacos convencionais. Estes fatores e só eles proporcionariam as melhoras. Algo como efeito placebo. Como podemos contestar isso?

PF – Isso é dito em todo o mundo, inclusive na Europa e nos Estados Unidos. É porque as pessoas simplesmente se recusam a acreditar que a homeopatia pode ter um efeito. E talvez uma coisa impor-

tante a ser mencionada é que a Organização Mundial de Saúde está atualmente produzindo um relatório sobre homeopatia, com um grupo do qual faço parte, e que será lançado no final de 2004. Eles já fizeram um parecido sobre acupuntura, que pode ser encontrado na internet, no site da OMS (www.who.org). E será positivo. É uma análise muito boa, acho que será a mais abrangente de todas as evidências da homeopatia, não só para a saúde humana como animal. E também alguma discussão sobre os mecanismos básicos de ação. Definitivamente, uma conclusão positiva. Será um relatório pequeno, mas a conclusão é que as evidências de que a homeopatia é efetiva estão crescendo e deve ser levada a sério.

PR – Em nossos experimentos patogenéticos, estamos tentando comparar o efeito placebo com o verum no mesmo voluntário, ou seja começando a usar o indivíduo como seu próprio controle. Estamos tentando, na verdade, pois é muito difícil e as dificuldades metodológicas e operacionais aumentam muito. O que o sr. acha a respeito?

PF – Sim, é muito difícil por causa dos efeitos *carry-over*. Mas acho que vocês devem fazê-lo, acho que é muito mais poderoso. Neste estudo que vou mostrar que tivemos uma discussão também porque o estudo original que fizemos foi *cross-over*, você pega A e pega B, ambos. É muito mais poderoso do que fazer grupos paralelos, mas há problemas, também, é claro, por causa dos efeitos *carry-over*.

PR – Como o sr. avalia os questionários de auto-avaliação e impacto na qualidade de vida?

PF – Acho muito importante, acho que é o que faz com que muitas pessoas procurem medicinas complementares. Não se trata apenas de controlar sintomas, mas de se sentir melhor. E o interessante é que muitas vezes o efeito em dores de cabeça e enxaqueca nem sempre é tão importante, mas na qualidade de vida é ótimo.

PR – O sr. usa o SF36 para isso?

PF – O SF36 não é muito bom no sentido de mudança, provavelmente não é o melhor método. Há outros mais sensíveis à mudança.

ATC – Em sua aula, ouvimos suas críticas quanto a certas patogenesias que dizem trabalhar com elementos



O dr. Paulo Rosenbaum, um dos entrevistadores, ao lado do dr. Peter Fisher (dir.).

como hidrogênio, plutônio, e que não explicam os métodos utilizados para isso. Como farmacêutica, gostaria de saber o que pode ser feito internacionalmente para orientar as pessoas a não publicar este tipo de artigo ou a deixar claro o método utilizado.

Como se tritura hidrogênio, por exemplo, se quisermos produzir certa potência? Às vezes o homeopata prescreve clinicamente coisas como essa e não temos como dizer que não é possível aviar receitas assim.

PF – Não sei como eles fizeram com o hidrogênio, talvez tenha sido dissolvido em água, mas não há explicação nem detalhes a respeito. É bem pior ainda em relação ao plutônio, pois onde é que o plutônio foi conseguido? Não se pode conseguir plutônio, é um elemento controlado. Então realmente é muito difícil, acho que é um problema cultural, pois as pessoas tentam provar todo tipo de coisas. Nos Estados Unidos a homeopatia está crescendo muito e surgem coisas como o uso do leite de golfinho. É muito controverso.

PR – Sim, temos a patogenesia de delfim amazônico, feita por Benoit Mure, mas neste caso foi usado o próprio animal. Digo isso porque há uma controvérsia enorme, por exemplo, quanto à origem de algumas substâncias homeopáticas: é o típico caso de Lac caninum. Mas o fato é que o usamos e, quando bem indicado, funciona. As pessoas disseram: “Veja o que estão experimentando!” Mas usamos Lac caninum, então aparentemente não há problemas. O problema maior seria com as substâncias como as que descreveu acima.

PF – O problema real é que hoje se começou a partir para coisas que nada têm a ver com a homeopatia. Por exemplo agora dizem que isso ou aquilo tem a ver com a relação psicológica, o que é simbólico. Nada foi provado em experimentos patogenéticos. A questão é que homeopatia tem a ver com similaridade e não com analogia.

PR – *Mas métodos analógicos estão cada vez mais sendo aplicados à ciência.*

PF – Mas não acho que isso seja homeopatia, porque você pode ter todo tipo de elementos e relações.

PR – *O problema está mais no método e no crescimento excessivo dos sintomas mentais na patogênese. Na ausência completa de controle. Nas experimentações que temos conduzido na Escola de Homeopatia, temos alguns poucos sintomas mentais, cerca de vinte em toda a patogênese. Então não acredito que o problema central esteja na substância. De fato podemos testar o que quisermos e os resultados podem ser positivos ou não. É claro que quanto ao plutônio, eu concordo.*

PF – Não tenho problemas com o fato de se testar o plutônio em si, mas com a publicação de um artigo que não diz de onde foi retirado o material e como foi preparado, essas são as coisas mais básicas. Sou muito cético quanto a isso. Você não prepararia na sua farmácia, então como foi feito?

ATC – *Certa vez conversei com um químico sobre esse tipo de substância e perguntei de um elemento. Ele me respondeu que isso não existia. Que era um elemento intermediário, com uma meia-vida muito curta, impossível de ser manipulado. Então como prepará-lo? Tenho a impressão de que algumas pessoas estão tentando fazer uma “reserva de mercado”, e isso não é uma boa idéia para a homeopatia.*

PF – Acho que temos de nos concentrar em usar os medicamentos que temos da melhor maneira possível e não produzir centenas de milhares de novas substâncias que podem não ser confiáveis. É preciso ver a relação custo-benefício e com isso quero dizer que muitos afirmam: “Bem, mas quando estamos testando um novo medicamento não perdemos nada com isso”. Mas digo que sim, que perdemos a oportunidade de fazer algo melhor, ou seja, dar um medicamento que funcione em vez de um que não funciona. O paciente pode voltar uma vez, mas na próxima ele vai embora.

PR – *Em sua apresentação, o sr. nos disse que muitas vezes os hospitais homeopáticos foram fechados pelas autoridades políticas ou científicas levantando objeções quanto à metodologia, e que a população reagiu a isso. Qual a sua análise cultural e social disso?*

PF – Acredito que em toda a história há vários exemplos em que a população se mostrou mais inteligente do que os filósofos. Li um artigo muito interessante no *The Economist* que falava sobre previsões econômicas, entrevistando economistas profissionais e lixeiros ao

longo de dez anos. E os lixeiros foram mais otimistas e mais precisos! E isso provavelmente é verdadeiro, porque eles têm menos modelos mentais, e são mais móveis. A população não entende o que parece ser um grande problema para um cientista. A Lei de Avogadro tem muito a ver com homeopatia e parece que os cientistas não se dão conta disso. O conceito que desenvolvemos nesse relatório da OMS é bastante interessante. A questão é que não usamos a farmacologia clássica, que pressupõe a interação entre as moléculas da droga e os receptores e é claro que a alta diluição homeopática não pode funcionar dessa forma, pois não há moléculas de droga. Então o problema surge antes de se conseguir a ultradiluição molecular. Há muitos relatórios acurados afirmando que 10 a menos 11, 12, 13 e até 14 molar funcionam. E há um grande problema para explicar o funcionamento cinético dessas reações, como elas acontecem, pois temos uma molécula aqui e outra ali, como elas agem entre si? É um problema que não pode ser explicado pela cinética clássica. Então talvez quando há apenas uma molécula presente exista uma reação diferente da cinética clássica acontecendo. Mas é um passo intelectual bem pequeno acreditar que não existe a mesma interação entre as moléculas e os receptores de uma forma diferente do mecanismo clássico de ação.

PR – *E como o sr. nos aconselha a lidar com a mídia? Estamos sob ataque, não sei se o sr. sabe. Tivemos aqui a exibição daqueles programas produzidos pela BBC e extraordinariamente manipulados por uma poderosa emissora da TV brasileira. Eles dizem que são neutros, mas sabemos que não é bem assim.*

PF – Um conselho que daria é manter ciência e imprensa afastadas. Porque essa coisa começou – e talvez eu seja um dos responsáveis por isso – há três anos, quando um produtor da BBC chegou para mim e me perguntou se eu gostaria de fazer um teste, uma comparação clínica para o programa. E eu respondi: “Vá embora, suma daqui, de jeito nenhum!”. E ele me perguntou o que eu o aconselharia a fazer. Disse que ele poderia conversar com um outro pesquisador para tentar reproduzir sua pesquisa. Então isso é o que eles disseram que fariam. Mas não sei qual o método, o que foi feito, então isso não é nada, não é ciência. É mídia. Mas acho que precisamos manter a dignidade, sem nos envolvermos nesse circo da mídia. Mas as publicações recentes dizem que o método funciona e isso é bom, isso é ciência, um periódico confiável, com todos os requisitos. TV é TV. Nada contra a mídia, mas mídia é mídia, ciência é uma coisa diferente. O problema surge quando se misturam os dois.

PR – O problema é que a homeopatia tem um caráter cultural e, quando se tenta fazer reportagens como essa, a meta parece ser destruir o imaginário das pessoas sobre a homeopatia. Acho que temos que reagir; temos que dizer à sociedade, através da mídia, que somos um fato cultural.

ATC – Acho que isso já está acontecendo, uma reação a esses programas, com a produção de pesquisas. Você acredita nisso?

PF – Temos um problema cultural interno, com essas patologias novas de meditação, psicológicas, essas bobagens. Precisamos nos concentrar no que é sólido e no que temos de melhor.

ATC – Como editor de uma publicação científica, o sr. evita a publicação desse tipo de material?

PF – Sim, não publicamos material especulativo. Nunca publicamos patologias do sonho ou de meditação. As pessoas tentam fazer, mas isso não é pesquisa.

PR – Quanto à relação custo x benefício da homeopatia diante de outros métodos, há estudos que afirmam que o resultado final é mais efetivo, mas que o custo é o mesmo. Isso procede?

PF – Uma das surpresas de um estudo francês que apresentei aqui no Sinapih é que a homeopatia, na verdade, é ainda levemente mais cara do que a medicina convencional. Em geral, os estudos andam demonstrando que o medicamento é mais barato, mas a consulta é mais longa e por isso o custo do tempo do médico acaba encarecendo.

PR – Mas isso leva em consideração a enorme economia com exames laboratoriais, propedêutica armada e o modo como a homeopatia se insere na atenção primária à saúde?

PF – Sim, mas tudo depende do sistema de saúde de cada país. A maior parte dos estudos demonstra que os custos são os mesmos, com efeito melhor.

PR – Para finalizar, gostaríamos que o sr. comentasse sua participação no Brasil e no Sinapih.

PF – Fico muito otimista. O Brasil é a grande nação do século 21 e a homeopatia está muito desenvolvida aqui. É um grande país para a homeopatia e acredito que será uma grande força cultural no futuro. É um dos mais desenvolvidos entre os países em desenvolvimento.



aberta 24 horas
para manipulação
em homeopatia,
a Sensitiva

comemora 10 anos
de Vila Mariana
a serviço da
homeopatia

e da saúde



compromisso e credibilidade

referência para médicos e pacientes

eficiência e qualidade de
atendimento, produtos e serviços

facilidade na entrega




FARMÁCIA
SENSITIVA

Vila Mariana (24 horas) • Rua Joaquim Távora, 1524 • Tel: (11) 5539-6736 • Fax: (11) 5575-5607
Vila Madalena (de 2ª a 6ª das 8:00 às 20:00h e aos sábados das 8:00h às 17:00h)
Rua Luminárias, 211 • Tel/fax: (11) 3031-0222 • www.sensitiva.com.br • sensitiva@sensitiva.com.br